

MAMÃE É UM LOBO!

Ilan Brenman



Resenha

Apesar da relutância inicial dos pais à sua proposta de fazer teatro logo depois do almoço, Isabela mesmo assim distribui os papéis: seu pai vai ser o caçador; ela própria, a Chapeuzinho Vermelho; e sua mãe, o temível lobo. Mal recebe o papel, o rosto da mãe se transfigura e ela se transforma no animal feroz. Apavorada, a garota pede ajuda a seu pai, nada mais nada menos do que o caçador. Após ouvir os disparos de uma espingarda imaginária, o animal solta grunhidos e cai no chão. A menina leva um susto ao ver que sua mãe continua estatelada no chão, mesmo depois de a peça terminar. O alívio só chega quando a garota escuta o coração da mãe bater, mostrando que está viva. Vivíssima. Inclusive, não demora a levantar e rodopiar com a filha pela sala. Isabela mostra-se, apesar de tudo, incansável: na próxima sessão de teatro, caberá ao pai fazer o papel do lobo...

Em *Mamãe é um lobo!* Ilan Brenman e o ilustrador Fran Parreño criam um jogo entre texto e imagem, explorando as sobreposições entre realidade e fantasia. Toma-se como ponto de partida a situação corriqueira de um almoço familiar para, em seguida, deixar que ela se configure pela experiência de brincadeira. O teatro, afinal, é sobretudo um jogo de mimésis, em que os papéis podem ser intercambiáveis e é possível, durante um tempo determinado, tornar-se algo diferente do que se é. A transformação da mãe em lobo é mais radical do que a dos demais personagens, por isso ela se torna a personagem-título: ela é a única a representar um personagem não humano. O final do livro nos lembra de que a fronteira entre realidade e ficção pode não ser tão clara quanto parece e que o jogo também é uma forma de aprendermos a lidar com temas incômodos, como a violência, o medo e a morte.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai



Como está escrito aí em cima, eu sou ator. Na prática, quer dizer que meus filhos sabem que saio todos os dias para fazer teatro (ensaiar ou apresentar peças de teatro). Eles já frequentaram meus ensaios, antes da pandemia nos isolar socialmente. E também assistiram a algumas peças minhas.

Meu filho mais velho fez, ao longo do último semestre, aulas de teatro, com uma pequena apresentação de final de ano. A mais nova, por sua vez, é obcecada pela ideia de fazer uma peça de teatro.

Mais de uma vez ela me perguntou como era fazer teatro, o que eram os textos que estudo, as histórias das peças, o que faziam minhas personagens, por que eu falava alto quando estudava os textos... Recentemente me perguntou mais de uma vez se eu achava que ela fazia teatro bem.

Bom, acho que ficou clara a relação imediata que as crianças estabeleceram com a história de Isabela, não?

Cabe dizer que, antes mesmo de sabermos que a prática teatral teria algo a ver com o conto de Brenman, minha filha já se apaixonara um pouco pelo livro, pois ela reconheceu de imediato a ilustração de Fran Parreño, com a qual tem uma relação muito forte desde que lemos *O estranho dia de Luísa*, com autoria dessa mesma dupla. Helena, minha filha, adora a protagonista e reconheceu o traço de

Fran de imediato: "Pai! É outra história da Luísa!". Não era, mas ela não se decepcionou.

Foi assustador. Foi mesmo. Helena ficou impressionada quando a mãe começou sua transformação em lobo. Ficou impressionada quando ela foi atingida pelo "tiro" do caçador. Mas, ao mesmo tempo, de uma forma não declarada, ela sabia que tudo era fantasia e teatro.

"No teatro que você fez, você também morria, né, papai?", perguntou, lembrando-se de uma montagem de *Coriolano* (texto do Shakespeare) que apresentei há alguns anos.

"Sim, filha, no teatro a gente pode fazer de tudo. Mas tudo é encenação, representação." Ela me perguntou se isso era o mesmo que dizer "de mentira". O irmão mais velho, do alto de sua larga experiência teatral de seis meses, respondeu que não. "Teatro não é mentira, é uma verdade diferente", afirmou, provavelmente repetindo algo que sua professora possa ter lhe dito.

Por enquanto, é isso para a aproximação deles com o teatro. Porque essas coisas se constroem devagar, a ideia de que arte é um tipo diferente de verdade (às vezes mais verdadeira que outras autoproclamadas verdades por aí).

E eu, que aspirava um futuro na medicina ou no direito para meus pequenos, começo, com a ajuda deste livro, a aceitar que posso estar criando dois artistas...



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da Usp e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman.com.br>.



Leia Mais

Do mesmo autor e série

- ✦ *A colecionadora de pedras*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Depois do foram felizes para sempre*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O nariz da Cris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que cabe num livro?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *A outra história de Chapeuzinho Vermelho*, de Jean-Claude Alphen. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Nove Chapeuzinhos*, de Flávio de Souza. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Belo Horizonte: Yellowfante.
- ✦ *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho*, de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini. São Paulo: Brinque-Book.



 MODERNA

